



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

DELAILA VASCONCELOS

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO CLUBE DE
AVENTUREIROS DA IASD NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO**

ABAETETUBA-PA
2025

DELAILA VASCONCELOS

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO CLUBE DE
AVENTUREIROS DA IASD NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO**

Projeto de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Ciências da Linguagem, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Antônio Bruno Cavalcante

ABAETETUBA-PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

V331p Vasconcelos, Delaila.
PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO
CLUBE DE AVENTUREIROS DA IASD NA PERSPECTIVA
DO LETRAMENTO CRÍTICO / Delaila Vasconcelos. — 2025.
37 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua
Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Letramento. 2. Letramento crítico. 3. Escrita. 4. Leitura.
5. Oralidade. I. Título.

CDD 370

DELAILA VASCONCELOS

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO CLUBE DE
AVENTUREIROS DA IASD NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO**

Projeto de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de
Ciências da Linguagem, do Campus Universitário de
Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Antônio Bruno Cavalcante

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador
Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante - UFPA

Examinador(a) interno
Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Examinador(a) interno

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me conceder a grande bênção de ter vivido a UFPA de sua forma mais completa possível. Neste meio acadêmico, cresci e me desenvolvi muito, obtendo uma nova perspectiva da docência. Toda honra e glória dou a Ele.

Quero prestar os meus mais profundos agradecimentos à minha família, que sempre me incentivou a estudar e ter uma profissão. Em especial, agradeço com toda estima à minha tia Telma do Socorro Noronha Vasconcelos, que não mediu esforços para me ajudar a pagar os 4 anos de cursinho para que eu pudesse passar no vestibular. E, até mesmo quando eu já não acreditava mais em mim, ela seguiu firme me incentivando e dizendo constantemente que eu era capaz. A cada ano que não passava, ela nunca me julgou ou menosprezou, sempre disse: "Ano que vem você consegue, filha!". Isso foi de suma importância para a minha estabilidade emocional, a ela devo a minha mais sincera gratidão, por ter vivido esses anos nesta instituição.

Ao meu marido, Cleison da Silva Rodrigues, que foi um pilar fundamental na minha permanência no curso, sempre me proporcionou tudo o que precisava, isentando-me de preocupações que poderiam desviar meu foco dos estudos, sendo meu apoio emocional e incentivador na carreira da docência; a ele, presto minha gratidão e imenso amor. A família Rodrigues, a qual hoje tenho o privilégio de fazer parte, meus cunhados e cunhadas, sogro e sogra, que sempre manifestaram apoio e felicidade em meu processo acadêmico.

Aos professores Robson Rua, Bruno Cavalcante e Suellem Pantoja, que em relação à minha pessoa foram além de professores, mas amigos, em quem pude contar e me apoiar. Por fim, aos meus amigos: Aline, Paulo, Carla Beatriz, Gabriely, Samily, Sheila, Ruan, Samara e Leonardo, que estiveram comigo por todos esses anos, onde compartilhamos inúmeros momentos de alegria e desespero, onde nos fortalecemos e crescemos. Privilegiada fui por ter conhecido cada um deles e ter tido a oportunidade de vê-los crescer e se tornarem grandes profissionais.

Meus mais sinceros agradecimentos a cada pessoa mencionada e a todos que de alguma forma contribuíram para a minha permanência e formação.

RESUMO

O objetivo deste artigo é elucidar os processos de aquisição pelos quais a criança perpassa em leitura, escrita e oralidade. Este artigo faz menções a respeito desses procedimentos e a sua importância no processo de letramento do aluno; tendo por base tais conceitos, o clube de Aventureiros da Igreja Adventista do 7º Dia (IASD) será analisado, pontuando alguns métodos em que podemos analisar os processos de aquisição da leitura e escrita, perpassando também pelo desenvolvimento da oralidade. Ao ter o foco em atividades para crianças de 6 a 9 anos, o clube de AVT promove atividades que corroboram com o desenvolvimento alfabético e de letramento da criança. Com base nessa perspectiva, este artigo busca analisar as formas de letramento que são exercidas conforme cada faixa etária. Utilizou-se da pesquisa bibliográfica para atingir os objetivos do artigo. Foram analisadas publicações de grandes referências no tocante à alfabetização e ao letramento, tais como Magda Soares, Vigotsky, Angela Kleiman, Marcuschi, Loris Malaguzzi e Paulo Freire. Como já se sabe, Freire não menciona diretamente a respeito de letramento, contudo, pauta sobre métodos educacionais, tais concepções que são pertinentes a esta pesquisa. Esta pesquisa se justifica por ser relevante, pois busca contribuir para a análise crítica a respeito do processo de letramento e das práticas que são exercidas para além da sala de aula, dessa forma, elucidando os apoios externos que colaboram com a escola.

Palavras-chave: Letramento. Letramento crítico. Escrita. Leitura. Oralidade.

LISTA DE SIGLAS

AVT	Aventureiros
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
MJ	Ministério Jovem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONCEPÇÕES DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE.....	9
2.1 Leitura	9
2.2 Escrita	12
2.3 Oralidade.....	15
3 CONCEITUAÇÃO SOBRE LETRAMENTO	17
4 A FORMAÇÃO EDUCADORA DA CRIANÇA SOB O VIÉS DA BNCC	19
5 METODOLOGIA.....	22
6 PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO CLUBE DE AVENTUREIROS: UM ESTUDO DE CASO	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Os meios identificatórios do nível de alfabetização e letramento da criança são medidos pela sua capacidade em ler, escrever e conseguir externalizar por meio da oralidade os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Por sua vez, isso reflete em conseguir desenvolver-se plenamente ainda nas séries iniciais, pois esta fase é fundamental para o seu bom seguimento acadêmico. As reflexões em detrimento das práticas de leitura, escrita e oralidade têm se intensificado no decorrer dos últimos anos, justamente por reconhecerem a relevância do desenvolvimento mais afincado dessas práticas e os efeitos sociais que advêm delas, sejam positivos ou não.

De acordo com Soares (2018), há processos fundamentais para o desenvolvimento alfabetizador da criança: ler e escrever. A criança que adquire o domínio desses elementos o mais cedo possível consegue garantir um melhor desenvolvimento em seu processo de alfabetização. Pontua-se, portanto, que uma criança só está de fato alfabetizada quando ela apresenta o domínio dessas práticas. Posteriormente, essa evolução também pode ser vista em seu bom posicionamento oral.

A escolha por analisar o clube de aventureiros teve como ponto de partida as minhas experiências no clube. Após observar as formas de trabalho, pude compreender o quanto as atividades, tanto em caderno quanto em campo, estavam colaborando significativamente no desenvolvimento das crianças em diversas áreas do seu progresso pedagógico. Com base no convívio diário, percebi que as áreas de leitura, escrita e oralidade destacavam-se e o avanço de fato era notório, principalmente em crianças mais maduras, como as de 8 e 9 anos.

Nesse sentido, esta pesquisa é considerada relevante por contribuir para esclarecimentos acerca do letramento, enfatizando cada etapa (leitura, escrita e oralidade), visando elucidar os apoios externos à escola que colaboram para esse processo formador da criança. Com isso, o objetivo central deste artigo é analisar algumas atividades feitas no clube que se apoiam no desenvolvimento das práticas de leitura, escrita e oralidade, observando as relações de ensino-aprendizagem com crianças de 6 a 9 anos. E para que a finalidade seja de fato alcançada, os pontos específicos dessa pesquisa são: Avaliar as diretrizes do Manual Administrativo do Clube de Aventureiros com ênfase no currículo escolar; compreender as relações de ensino e aprendizagem desenvolvidas no Clube de Aventureiros; mostrar outro viés formador que pode ser um auxílio à escola. Esses objetivos nos permitem compreender os processos de alfabetização e como eles estão sendo aplicados em um departamento externo à escola.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo de coleta e análise de dados. Dessa forma, os dados elaborados são de cunho bibliográfico. A pesquisa de caráter bibliográfico é a técnica aplicada para análises e interpretações de dados que fomentam as bases para o desenvolvimento de um trabalho científico, fornecendo bases sólidas e metodológicas para a construção do pensamento. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002), é indispensável para a construção teórica do conhecimento e deve ser o ponto de partida para toda e qualquer pesquisa científica séria. Diante do que foi apresentado, entende-se que este artigo contribui para o aprofundamento das pesquisas na área de letramento com ênfase nos três eixos: leitura, escrita e oralidade, abordando um novo viés que se torna um auxiliar à escola.

Nessa perspectiva, antes de adentrarmos de fato nas análises propostas nesse artigo, é relevante uma breve apresentação do Clube de Aventureiros da IASD (Igreja Adventista do 7º dia). O clube de aventureiros é ligado à Igreja Adventista do Sétimo Dia, surgiu após a criação de dois outros ministérios, o primeiro foi o Ministério Jovem Adventista (MJ) por volta de 1879, tendo por pioneiros dois jovens, Harry Fenner de 16 anos e Luther Warren de 14 anos, que procuravam efetivar um movimento mais voltado à área de jovens, sendo de fato estabilizado a partir de 1907. Com isso, uma outra necessidade a partir do MJ foi observada, envolvimento para o trabalho mental, físico e espiritual de crianças de 10 a 15 anos, haja vista que a idade de jovem começa de fato a partir de 16, e era necessário a criação de um departamento voltado apenas para este grupo em específico. Sob essa óptica, a partir de 1911, os primeiros passos para a criação do Clube de Desbravadores (DBV) começaram, e após a consolidação deste, mais uma vez outra necessidade foi observada.

Os pais começaram a questionar sobre a ausência da atenção aos menores de 10 anos e indagavam quando teria atividades destinadas a eles. Dessa forma, em 1972, a IASD tentou pela primeira vez criar algo mais específico para crianças com menos de 10 anos. Em 1975, a Associação Geral (Nordeste Americana - EUA) realizou o programa focado a este grupo. Cinco anos mais tarde, ganhou força e muitas outras Associações começaram a seguir os passos. A partir desse momento, começou uma série de estudos e aperfeiçoamento até que, no ano de 1991, de fato, o Clube de AVT ganhou autorização como programa mundial, e a formação de sua identidade (logo, bandeira, uniformes, ideais, currículo e objetivos) foi permitida. Vale ressaltar que a criança não precisa ser batizada na igreja para participar dos clubes AVT e DBV. Em sua fase mais centrada e sábia, com o conhecimento do que vive dentro da igreja, por sua livre vontade, toma a decisão ao batismo, que na maioria das vezes ocorre quando ela já está no clube de desbravadores.

Esta pesquisa tem por finalidade mostrar o clube de AVT e suas origens, bem como apresentar seus métodos em letramento, elucidando uma forma de letrar fora do ambiente tradicional da sala de aula. Apoiando-se na BNCC e nos pensamentos de Magda Soares, Paulo Freire, Vygotsky, Angela Kleiman, Marcuschi, Loris Malaguzzi, o artigo trará reflexões e posicionamentos críticos acerca das formas de evolução nesses três pilares (leitura, escrita e oralidade) e demonstrará como um departamento exterior à escola pode também contribuir ao ensino de crianças nas faixas de 6 a 9 anos.

2 CONCEPÇÕES DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE

Diante da proposta analítica deste artigo, esta seção irá aprofundar os desígnios de leitura, escrita e oralidade, apoiando-se em Magda Soares, Paulo Freire, Vygotsky, Angela Kleiman, Marcuschi e Loris Malaguzzi, que corroboram com os posicionamentos que a Base Comum Curricular (BNCC) orienta. Para então poder chegar ao objeto de análise, é de suma importância compreender de forma mais clara os processos de desenvolvimento das três modalidades e o que eles refletem na moldagem pensante, crítica e oratória da criança. Dessa forma, poderá observar-se o parâmetro geral da relevância de ensinar as bases bem estruturadas para que de fato a criança seja letrada e alfabetizada da forma correta.

2.1 Leitura

O ato de ler permeia não somente a decodificação das palavras em si, ler abrange o compreender textos escritos, imagens, sons, vídeos e afins, analisando a finalidade em diferentes contextos. A respeito de formação leitora, a BNCC diz que o eixo da leitura compete à compreensão das práticas ativas de leitor, ouvinte e telespectador, abarcando textos escritos, orais e multissemióticos. O documento cita sua finalidade.

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão. (BRASIL, 2018, p. 72).

Tais experiências corroboram a ampliação do repertório de gêneros e conhecimentos diante desses novos textos, possibilitando aos alunos um crescimento leitor e analítico, o que porventura tornará-se crítico-analítico. Ao adquirirem a prática de ler para interpretar, os alunos

veem-se em uma nova condição: a do leitor de mundo; nas seções mais à frente, veremos a conexão de sentido nas práticas de alfabetização e letramento, aqui o ato de ler adentra com ênfase nessa necessidade, os saberes já existentes na criança devem ter relevância, seu conhecimento de mundo deve ser importante, pois ele também é um ato de ler.

Freire (1988) diz que a leitura da palavra sempre é precedida da leitura do mundo, que antes de apropriar-se da leitura mecânica, a leitura do mundo já é existente e que já deve-se ter a compreensão do contexto. O ponto de interesse é que Paulo Freire (1988) rememora acontecimentos vividos por ele em sua infância, dando ênfase às suas afirmações. Ele diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, que a leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e a realidade estão dinamicamente entrelaçadas, onde a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica contrapõe a percepção das relações entre o texto e o contexto. Assim, ao ensaiar sobre a importância do ato de ler, Freire se sentiu levado a "reler" os momentos fundamentais de sua prática, guardados em sua memória.

Ou seja, em cada ser há uma construção leitora por meio de suas vivências e sua construção não começa somente na escola, necessariamente. Essa leitura prévia de mundo antes da palavra em si corrobora para o despertar do interesse no aluno. Leituras em que se sentem mais próximos, ou de algo que lhes chame a atenção, ganham destaque em seus gostos e prioridade. Vale sempre lembrar que qualquer ser humano não costuma ler só por ler, sempre está associado a um gosto e temática chamativa, que desperte a sua curiosidade. A respeito disso, a BNCC pontua enfaticamente o crescimento relacional do sujeito por meio da leitura, o que desperta o interesse, a influência e a progressão. Em relação ao interesse, ela diz:

O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras, que, por mais que possam não contar com uma compreensão mais fina do texto, podem, em função de relações estabelecidas com conhecimentos ou leituras anteriores, possibilitar entendimentos parciais que respondam aos interesses/objetivos em pauta. (BRASIL, 2018, p. 76).

Em relação ao envolvimento e progressão, ressalta

O grau de envolvimento com uma personagem ou um universo ficcional, em função da leitura de livros e HQs anteriores, da vivência com filmes e games relacionados, da participação em comunidades de fãs etc., pode ser tamanho que encoraje a leitura de trechos de maior extensão e complexidade lexical ou sintática do que os em geral lidos. (BRASIL, 2018, p. 76).

Em todo seu plano, a BNCC enfatiza a leitura como associada ao entendimento do gênero textual e dos efeitos de sentido causados pelos recursos linguísticos e semióticos. A

exemplo, habilidades como EF67LP07 (8º/9º ano) pedem que o aluno faça a análise do efeito de sentido produzido pelo uso nos textos, com os recursos linguísticos e multimodais, dessa forma, o senso crítico do aluno começa a se desenvolver. Para além disso, a BNCC ressalta que as habilidades dessa produção, bem como de escrita e oralidade, não devem ocorrer de forma genérica e descontextualizada, mas sim por meio de situações efetivas para que tais finalidades propostas sejam alcançadas.

Um ponto relevante mencionado por Kleiman (1995) são as formas instrumentais de leitura, a aplicabilidade no contexto da autora é envolta dos adultos, contudo, encaixa-se na reflexão de sentido e contexto que está sendo abordado neste artigo. Ao levantar a problemática, Kleiman (1995) diz que as abordagens instrumentais a esse público estão na base de análise de leituras mais diversificadas, tais como: bulas de remédios, faturas, embalagens, cheques etc., e para que de fato haja compreensão da leitura, questionamentos são levantados, tais como: para quem é destinado? Quais valores estão sendo postos? Qual a relação social com o responsável pelo texto está sendo estabelecido? Tais questionamentos corroboram para que uma construção leitora esteja sendo aprimorada por meio de seu conhecimento prévio, atribuindo a necessidade dada à leitura. Dessa forma, o ensino funcional e instrumental da leitura deixa de ser mecanizado e se torna um instrumento que leva à transformação do discurso.

Esta seção enfatiza, por meio dos autores mencionados, que a leitura de mundo é essencial para o desenvolvimento da palavra; conhecimentos prévios vividos e posteriormente contados são o pilar para a construção de significação do que se lê. O exemplo posto acima, voltado aos adultos, é concreto e diário e pode ser transformado em sua significação para uma criança, envolvendo as histórias encantadas, por exemplo.

O conhecimento delas sobre realidade *versus* ficção impacta suas interpretações. Loris Malaguzzi (1996), ao fundar e aplicar o método Pedagogia de Reggio Emília, destaca a criança na posição de protagonista e autônoma, e como autoconstrutora de conhecimento, sendo que ela os constrói a partir de suas experiências com o ambiente e com os outros. A pedagogia Reggio Emília é um conjunto de práticas e materiais pedagógicos que centralizam a criança na posição de protagonista, como um sujeito ativo, competente e curioso em sua jornada pela aprendizagem. Malaguzzi (1996) afirma:

A criança tem cem linguagens, cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre cem maneiras de escutar, de se maravilhar, de amar. Cem alegrias para cantar e entender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. (MALAGUZZI, 1996, p. 3).

Ao enfatizar a diversidade que a criança possui dentro de si, Malaguzzi (1996) afirma a autonomia e a curiosidade presente nelas, onde as suas interpretações, suas formas de escutar, suas formas de amar, os mundos que podem descobrir e inventar e a quantidade que podem sonhar, colocam em xeque a necessidade de ofertar experiências que as instiguem e façam se aprimorar. Torna-se, portanto, essencial que o educador seja o guia, o suporte, o encantador, para que a criança tenha o direito de ser livre para se encontrar e descobrir, por meio da leitura, todos os mundos que estão à sua disposição.

Em alusão à citação do pedagogo, podemos então comparar as histórias encantadas, as crianças oscilam entre o que é real e o que é imaginário, fazendo contrapontos do que na nossa realidade é permitido e existente. Aos jovens, as narrativas de romance, suspense e até mesmo traição são mais chamativas, pelo fato de se identificarem com a narrativa, o que por algumas vezes assemelha-se com uma realidade já vivida. Assim, reafirmando o pensamento dos teóricos já mencionados, que sempre um conhecimento prévio, uma necessidade real e até mesmo identificação por meio de situações já vivenciadas ressaltam a veracidade de que a leitura de mundo precede a da palavra.

2.2 Escrita

Quantas vezes o ato de escrever passou despercebido por nós? Será que já paramos para refletir sobre a relevância desse meio comunicativo? Kleiman (1995) diz que a escrita é onipresente, que ela integra o nosso cotidiano de forma tão leve e sutil que acaba passando despercebida. Estamos acostumados a ter esse fácil acesso diariamente em atividades rotineiras, como lista de compras, rápidas anotações de algo importante, assim acabamos por não reconhecer a importância de seu uso. Todavia, essa não valorização não é por parte de todos, isso somente pertence a grupos letrados. Kleiman (1995) resalta as dificuldades que os não-escolarizados têm em seu cotidiano por não dominarem algo que é tão básico para os letrados, sendo rótulos, listas, letreiro de ônibus etc., leituras tão habituais a nós e tão dificultosas a eles.

O domínio da escrita possibilita incontáveis aspectos de desenvolvimento, os quais englobam ativamente a sociedade, a tecnologia, a mídia, a burocracia etc. Sobre esse ponto, Kleiman (1995) acentua que o "domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e por meio deles, a possibilidade de acesso ao poder." É interessante a autora mencionar a palavra "poder", de fato, ao pararmos para pensar, as pessoas não-letradas, ao chegarem e pedirem um favor para alguém ler ou escrever algo para elas, chegam

com timidez, com vergonha, sentindo-se insignificantes pelo fato de não dominar esse processo, por não terem o poder de guiar-se sozinhas.

Paulo Freire (1967) relaciona a aprendizagem da escrita à prática de liberdade, afirmando que escrever é parte da constituição autônoma do ser humano. Freire (1967) relata que a escrita também é uma "visão da liberdade..." É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre. O ato de ler e escrever demonstra o livre acesso à informação e formação do ser humano, aos não-letrados, a ausência do domínio dessa prática dificulta diversas atividades sociais, assim "prendendo-os" a outros que possam fazer por eles.

Kleiman (1995) definiu que a escrita faz parte do letramento ao afirmar que este processo é um conjunto de práticas sociais que se faz o uso da escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos e para objetos específicos. Em consonância com os pensamentos de Kleiman (1995), Magda Soares (2002) retrata que, ao aprender a ler e escrever, o analfabeto deixa a condição de somente letrado e torna-se alfabetizado. Então, ele passa a adquirir a tecnologia e a se envolver nas práticas sociais de leitura e escrita. Esta posição causa efeitos sobre ele e altera a sua condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e econômicos. Então, Soares (2002), ao designar a escrita, a define como sendo o letramento, pois este é "o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita."

O despertar da escrita ocorre muito cedo em crianças, geralmente o seu primeiro contato é através de rabiscos onde puderam fazer, papéis, mesas, paredes e afins. Como estão em fase de desenvolver habilidades motoras, a escrita sobressai e toma forma na consciência da criança. Histórias de ninar ou ilustrações são postas a elas logo em seus primeiros anos de vida, e esse contato imediato leva à sua curiosidade e ao seu desenvolvimento, a respeito da BNCC, pontua.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores... Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p. 42).

Tais evoluções ocorrem tanto em rede familiar quanto escolar, ou qualquer ambiente que proporcione o contato com livros ou materiais destinados à escrita. Nesta mesma perspectiva, Soares (2020) pontua que, mesmo antes da criança adentrar em uma escola, de forma intuitivamente, ela vai apropriando-se da escrita, reafirmando a posição das afirmativas que a BNCC nos traz. Soares (2020) ressalta, “a criança, antes mesmo de entrar na escola, vai progressivamente se apropriando do conceito de escrita, percebendo que escrever é transformar a fala em marcas sobre diferentes suportes e que ler é converter essas marcas em fala” (Soares, 2020, p. 51).

A consolidação leitora é expressa por meio da escrita e oralidade. Por todo o documento, a BNCC ressalta que as três modalidades não são distintas, mas complementam-se, não há avanços em uma sem o acompanhamento da outra. A BNCC destaca três eixos para o aprendizado: o primeiro é o eixo da leitura, depois tem o eixo da produção de textos e, por fim, o eixo da oralidade. Neste ponto, o primeiro eixo, a BNCC nos diz que está envolto das capacidades de compreensão e interpretação do que está se lendo.

Mais concisamente, a BNCC menciona que o eixo da leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem de uma interação do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos, cabendo à leitura, portanto, toda a parte interativa e interpretativa. Ao segundo eixo, ocorre o aprimoramento das funções já adquiridas no primeiro, a este compete a produção ativa da escrita, em diferentes finalidades. O que podemos constatar é que, sem o conhecimento prévio e aprimorado que se obtém por meio da leitura, a construção da escrita não seria possível.

Ao último eixo compete a conclusão evolutiva dos eixos anteriores, a oralidade, que será aprofundada na próxima seção. Usa dos meios de escrita e leitura para o seu contato, dessa forma, cabe à oratória a parte comunicativa do indivíduo com a comunidade. A BNCC compreende que as práticas de linguagem que ocorrem nas situações orais são com ou sem contato face a face, como aulas dialogadas, web conferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, etc. Para produzir retratos culturais e contá-los, por exemplo, precisa-se conhecer, ler e estudar sobre ele para então narrar e analisar de forma crítica. Assim, para produzir playlists, gameplay e vlog, necessita-se de um posicionamento oral, consolidado e direto.

Dessa forma, o ressaltado desta seção é a enfática concepção de que a escrita se faz presente no cotidiano das crianças mesmo antes de adentrarem na escola de fato, e que a progressão dela advém da evolução da leitura e que ambas se aprimoram com o desenvolvimento oral. Assim, a BNCC retrata que o processo de escrita é crescente e permeia

pelos três eixos de desenvolvimento, e assim como na leitura, a escrita deve ser colocada em contextos de forma abrangente e em situações diferentes, com o intuito de despertar a autonomia nos planejamentos das produções, bem como na formação argumentativa.

2.3 Oralidade

É inegável as correlações entre os eixos mencionados, mesmo com o ponto principal partindo da leitura e escrita, a oralidade vem elucidar a sua importância e colaboração para o desenvolvimento leitor da criança. Kleiman (1995) retoma que o desenvolvimento oral acompanha o da escrita e ambos se influenciam mutuamente e essa relação aprimora seus sentidos de leitura e produção, mesmo não estando alfabetizada ainda. Kleiman (1995) afirma que o desenvolvimento da língua oral e o desenvolvimento da escrita se influenciam mutuamente, onde a escrita faz parte da vida cotidiana e sua construção está nos entrelaces simultaneamente. Ao mesmo tempo em que a criança começa a praticar o ato de falar, ela começa a aprender as funções e os usos da escrita, transformando-se em uma leitora e produtora de textos, mesmo se não estiver alfabetizada.

A autora confirma que, mesmo a variação comunicativa da criança sendo determinada pelo grupo social ao qual está inserida, isso de forma alguma atrapalha o seu desenvolvimento. Pelo contrário, essas interações mostram suas capacidades de interação com os membros do grupo, haja vista que, como está exposta ao modo de conversação dele, ela irá, de forma intuitiva, respeitar as regras estabelecidas, a tonalidade, entonação e a situação de interlocução que está sendo colocada. Mesmo tendo partes complementares, Kleiman (1995) contrapõe que há uma distinção entre oralidade e escrita.

Na escrita, há um único autor, onde ele constrói a sua unidade específica de significação, ao contrário da oralidade, que engloba a participação de mais sujeitos para a sua construção de significado, pois precisa de interação e esforço mútuo para seu desenvolvimento.

A este nível de análise posta nesse artigo, já compreendemos que a BNCC no componente língua portuguesa abrange a diversidade evolutiva do aluno em áreas complexas que subsidiem o desenvolvimento por meio de experiências que envolvem a ampliação de leitura e escrita, todavia, ressalta-se que este componente abrange para além dessas áreas.

O eixo oral mostra a sua significação, pois, por meio deste, as relações de comunicação são estabelecidas e aprimoradas, o que levará à desenvoltura mais concisa dos tópicos anteriores (leitura e escrita). Compreende-se pela BNCC que a oralidade está além dos limites da fala presencial, está voltada a diversos meios comunicativos. Partindo dessas conceituações, a

finalidade que a BNCC nos coloca é de que, por meio da oralidade, possa haver a reflexão dos diferentes contextos das produções orais de diferentes formas e estilos, incluindo nesta etapa a multimodalidade e a multisssemiose, valorizando as tradições orais e as práticas sociais que se perpetuam por meio desse segmento, bem como buscando refletir os sentidos que eles geram.

Mais à frente nas descrições, a BNCC pontua um aspecto importante em detrimento da formação social que advém por meio da oralidade, conceitua que ela também proporciona o desenvolvimento de comportamentos e atitudes, dar voz e vez ao outro, entender e acolher a perspectiva do outro, superar mal-entendidos e lidar com a insegurança. Sabemos a importância da leitura e da escrita, porém cabe frisar que a oralidade de igual modo possui a mesma relevância para a formação letrada da criança; por meio dela, o que é lido ou transcrito toma ainda mais vida e personalidade, posição e reflexão.

Em concerne com estas visões, Marcuschi (2010) defende a importância de não confundir as práticas de fala/escrita e oralidade/letramento. O autor esclarece que fala e escrita são modalidades, ou seja, são práticas que são aperfeiçoadas no decorrer do tempo e principalmente em ambientes acadêmicos. Em contrapartida, oralidade e letramento são práticas sociais, já incluindo então a oralidade dentro do letramento. Isso significa que fazem parte do viver diário do ser humano, que é essencial ao seu convívio social e não precisa saber escrever ou falar com perfeição para exercer essa prática.

Marcuschi (2010) critica o modelo tradicional que julga a fala como “inferior” à escrita, haja vista que a posição colocada à escrita tradicionalmente é de estar inserida na escola e em meios acadêmicos, contrapõe a fala como se estivesse fora desse meio, sabemos que não ocorre dessa forma. Marcuschi (2010) ainda ressalta que, nos tempos atuais, ambas são imprescindíveis, cada uma com seu papel e seu contexto. Ao afirmar que nem toda escrita é formal e planejada, assim como nem toda oralidade é informal e sem planejamento, Kleiman (1995) partilha do mesmo pensamento que Marcuschi (2010) ao defender que a oralidade pode ser tão reflexiva quanto a escrita, pois ela evidencia um contínuo entre as modalidades de desenvolvimento linguístico.

Um adentro relevante e curioso que Kleiman (1995) esclarece é sobre a oralidade letrada da criança, parece até meio confuso de compreender, mas na verdade é bem simples, o que Kleiman ressalta sobre isso é que a oralidade já vem sendo mais aprofundada por estudiosos ao fato de que mesmo não estando ainda alfabetizada, a criança, por meio da oralidade em certas classes sociais, já possui domínios de letramento, ao compreender referências de histórias já contadas a ela. Para enfatizar algo real e para elucidar melhor esta visão, segue o exemplo em que Kleiman (1995) cita:

Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz "Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!" Está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas. Assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, portanto, essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. (Kleiman, 1995, p. 18).

É desta forma que a criança passa a desenvolver suas características de oralidade letrada, e esse desenvolvimento ocorre em atividades corriqueiras de seu cotidiano. A valorização desse saber mesmo antes da alfabetização é pautada e defendida por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*. Freire contrapõe o ensino bancário e enfatiza a importância da fala no processo pedagógico e relacional entre educador e educando.

Tudo o que a criança desenvolve antes de ser escolarizada é relevante e tem seu valor, tudo o que for contra a manifestação desse saber em sala de aula é caracterizado como silenciamento e desvalorização do saber popular da criança. A concepção defendida por Freire (1970) é a da construção de um diálogo entre professor e aluno, aqui podemos compreender com mais clareza a importância da oralidade na construção letrada da criança. Ao defender essa relação, Freire (1970) ressalta que a forma de depositar o conhecimento apenas não leva a uma evolução social de fato, necessita que haja diálogo.

Como observamos no início dessa seção, a oralidade se faz presente mesmo antes da escolarização, negar o aprendizado ou limitar que a criança exponha o que já trouxe consigo é impedi-la de evoluir e de se sentir pertencente ao meio que está inserida. A defesa de Freire corrobora a concepção de que precisamos uns dos outros e das opiniões diferentes para a construção social, pois “o diálogo é uma exigência existencial. E, sendo a palavra mais do que um instrumento que torna possível o diálogo, sendo a palavra composta de ação e reflexão, ela não pode prescindir da práxis.” (Freire, 1970, p. 89), o que leva a lembrar da mais famosa frase de Paulo Freire sobre o aprender, presente no livro, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1970, p. 78).

3 CONCEITUAÇÃO SOBRE LETRAMENTO

Em meados dos anos 80, surge no Brasil o termo *literacy*, que vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. O letramento é, portanto, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, não somente em decodificar e pronunciar de forma correta, mas a interpretar e compreender o que foi lido, sobretudo ter as capacidades e transcrever com base em sua compreensão. Sendo assim, o letramento é considerado um conjunto de práticas que capacita e desenvolve a criança em

diversas áreas e com todo tipo de material escrito. De acordo com Kleiman (1995), o letramento nada mais é do que a representação do conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como um sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Entende-se, portanto, que letramento é mais amplo e específico que alfabetização, pois envolve diversas práticas sociais em diversos contextos vivenciados pela criança. Isso torna o processo de letramento mais amplo e longo, dependendo das capacidades de cada criança.

Uma problemática levantada por Kleiman (1995) é em torno da pouca valorização da escola no letramento social, ela por sua vez detém-se mais na alfabetização (decodificação de códigos) do que na leitura de mundo. A isso, a autora pontua que a escola se preocupa mais com o processo que lhe trará visibilidade e promoção. Kleiman (1995) diz:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. (Kleiman, 1995, p. 20)

A autora ainda menciona mais à frente que outras agências de letramento, como a família e a igreja, já mostram outro tipo de letramento, entende-se que este seria o mais voltado ao social. Todavia, o questionamento em detrimento da escola é válido, haja vista que as crianças, adolescentes e jovens passam muito mais tempo nas instituições de ensino do que em suas casas.

Compartilhando a mesma linha de concepção, Magda Soares (2009) consiste em nos dizer que a leitura e a escrita têm que ser encaixadas em contextos sociais, que por sua vez o impacto será mais amplo, e abrange para além da apropriação dos códigos alfabéticos. Dessa forma, Soares (2009) diz que o letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e escrever, sendo estes um estado em que um grupo social adquire, ocorrentes do domínio da escrita. Para isso, Soares (2009) conceitua claramente alfabetização \neq letramento. Soares delimita ALFABETIZAÇÃO como uma ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, já o LETRAMENTO é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce diversas práticas sociais que usam estes elementos.

É de suma relevância pontuar neste artigo que, apesar de letramento e alfabetização terem significados diferentes, ambos devem caminhar juntos para o desenvolvimento mais profundo no aprendizado da criança. A BNCC pontua a necessidade da alfabetização para o desenvolvimento em letramento e multiletramentos sociais.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2018, p. 52).

Apesar da afirmação dada pela BNCC reconhece-se que, mesmo uma pessoa não tendo o domínio da escrita e leitura, ou seja, que esteja alfabetizada, ela pode ser letrada, a este nível Soares (2009) menciona que apesar do indivíduo ser analfabeto ele pode ser letrado, mesmo tendo sido prejudicado/a por questões sociais ou econômicas e por isso ele/ela não está em posição de alfabetizado. Mesmo assim não isenta de que o indivíduo não seja capaz de interpretar e analisar situações, afinal o sujeito vive em um ambiente cercado pela leitura e escrita, onde há letras de músicas, propagandas, jornais, letrados etc, mesmo ele não sabendo ler de fato, ele pode pedir para alguém fazer isso por ele, isso por sua vez já caracteriza uma certa imersão ao letramento.

Assim, Soares (2009) diz que mesmo uma criança que ainda não está sendo alfabetizada, ela pode já estar sendo letrada, pois tem contato desde muito cedo com livros, pode fingir lê-los, manuseia lápis e canetas resultando na produção de rabiscos por onde quiser; ouve histórias e musiquinhas cantadas e contadas a ela, a criança ainda não possui o caráter analfabético por não saber ler e escrever de fato, mas o seu contato com o letramento já iniciou.

Portanto, apesar de ser importante o caminhar juntos de letramento e alfabetização, uma pessoa pode ser letrada mesmo não sendo alfabetizada, seu contato com formas de leitura e escrita em seu cotidiano lhe dá essa condição e apropriação. É importante reconhecer a vivência social para a formação de um indivíduo, experiências culturais e sociais fazem parte da formação escritora, leitora e oradora, é muito mais que decodificações, é sobre desenvolvimento cognitivo e social.

4 A FORMAÇÃO EDUCADORA DA CRIANÇA SOB O VIÉS DA BNCC

A forma de como pensar e cuidar da educação infantil é essencial para construir os caminhos corretos para a construção da formação leitora da criança, assim assegurando sua evolução e aprendizado, logicamente indo para além de decodificar símbolos e letras, possibilitando sempre os seus direitos expressivos. Pensando nessas definições, a BNCC diz que:

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco

campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. (BRASIL, 2018, p. 40).

Os eixos em que a BNCC fala são: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, corpos e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Ao primeiro eixo cabe a interação da criança com outras crianças e com adultos, dessa forma, ela vai construindo o seu agir, sentir e pensar, sobre tudo conhecendo que há diferentes pensamentos e sentimentos além dos dela. Essa convivência social é defendida por Vygotsky (2001) ao dizer que “a concepção do significado das palavras como unidade simultânea do pensamento generalizante e do intercâmbio social é de um valor incalculável para o estudo do pensamento e da linguagem.” (Vygotsky, 2001, p. 13). Assim, o teórico afirma que o desenvolvimento segue uma forma evolutiva, onde a função primordial da linguagem, tanto nas crianças como nos adultos, se dá por meio da comunicação, o contato social.

No segundo eixo, destaca-se o sensorial da criança, o qual é obtido através do corpo, dos gestos e toques. Por meio deste sensor, as crianças descobrem novas texturas, ritmos e emoções, também desperta o senso de cuidado, pois elas passam a analisar o que são capazes ou não de ferir a sua integridade física. A este ponto, a BNCC retrata que as crianças começam a explorar muito cedo o mundo, o espaço e objetos em seu torno, começam a solidificar as relações e suas expressões e isso gera a produção de conhecimento sobre elas mesmas e sobre tudo o que as cerca.

As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. (BRASIL, 2018, p.40-41).

Em consonância com essa perspectiva, Magda Soares (2009) destaca a importância sensorial para a assimilação da aprendizagem, usando o ritmo como aliado a esse ensino. As atividades lúdicas que envolvem rimas e aliterações ajudam as crianças a desenvolver a sensibilidade aos sons das palavras, um passo essencial para a apropriação do sistema de escrita alfabética. Esta prática desperta o desenvolvimento ativo e concreto, o que posteriormente contribui para o desenvolvimento escritor e leitor da criança.

Soares (2009) afirma que, para se aprimorar a escrita alfabética, as crianças devem aprender que, o que veem escrito representa o que elas ouvem, que as palavras que escrevem

são a representação dos sons das palavras que escrevem e ouvem, dessa forma, despertando a sua consciência e maturidade fonológica.

No terceiro eixo, destaca-se a importância do contato com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas no cotidiano da criança, para que a possibilite vivenciar as diferentes formas de expressar uma linguagem, aprimorando suas percepções e conhecimento diante do incomum para ela. Dessa forma, a BNCC destaca que as bases que são construídas e fornecem o apoio para elas se expressarem advêm dos vários modos de linguagem, onde a criança cria as suas próprias histórias artísticas ou culturais, seja de forma coletiva ou individual, e todos os elementos que envolvem essa produção corroboram para o desenvolvimento do senso estético e crítico dela, sobre a sua realidade e o meio que a cerca.

Em concerne às diretrizes que a BNCC diz, Vygotsky (2001) reforça dizendo que a construção do pensamento é definida pela linguagem, e com seus instrumentos linguísticos juntados com a experiência sociocultural da criança, obtém-se o crescimento e desenvolvimento intelectual dela.

Ao quarto eixo corresponde as situações comunicativas nas quais a criança é exposta. A partir dos movimentos do outro, a criança, na condição de bebê ainda, já se encaminha aos seus primeiros passos para formulação dos seus gestos. Dessa forma, ela começa o seu processo de desenvolver o vocabulário, as expressões corporais e a compreensão acerca do meio em que está inserida, incluindo o avanço em aprender a sua língua materna. Acerca dessas evoluções e atrelando-as ao ensino infantil, a BNCC relata que

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p. 44).

Reforça ainda afirmando que a criança manifesta a curiosidade muito cedo a tudo que a cerca, aos textos e sons que ouve, à comunicação familiar, escolar ou de qualquer meio social que esteja, ela vai construindo a sua relação e a sua solidificação com a cultura em que está sendo posta. Assim, a BNCC enfatiza que, na educação infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. Portanto, as experiências com a parte literária infantil propostas pelo educador contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, estimulando a imaginação e a ampliação do conhecimento de mundo.

É neste ponto que começa a haver o desenvolvimento cognitivo mais amplo, onde há fala e há reorganização com o pensamento, e também consigo mesma. Neste nível de, pensamento entre fala, Vygotsky (2001) descreve a Fala Egocêntrica, onde a criança está em organização com seus pensamentos e comportamentos, onde podemos presenciar nas brincadeiras individuais ou resolução de problemas, é uma ação internalizada, ou seja, ela com ela mesma, diferente da comunicativa, a qual é destinada ao outro. Esse discurso egocêntrico acontece quando a criança transfere suas formas sociais e cooperativas de seu comportamento para uma esfera mais ampla, as psíquicas pessoais internas.

A isto, Vygotsky (2001) reflete que é há tendência da criança fazer essa transferência interna, haja vista que ela está em construção do seu caráter crítico e de autoconhecimento. A partir desse estado, a criança passa a desenvolver da forma mais profunda, o seu senso questionador, resoluto e seu senso cognitivo, pois nesta fase a sua escuta, fala e pensamento tomam forma mais organizada, contribuindo para o desenvolvimento da sua linguagem interiorizada.

A BNCC conclui esses eixos enfatizando o espaço em que as crianças estão inseridas, por meio dos diferentes meios, a curiosidade com o mundo e com o seu próprio espaço são despertadas. Tais espaços são muito ricos para o aprendizado dela, seja por meio da linguagem escrita, da fala ou também da linguagem matemática. À vista disso, a BNCC conclui que a educação infantil precisa promover diversas experiências para as crianças, que as possibilitem fazer observações, manipulações de objetos e explorar o seu entorno, e com base em seus conhecimentos, levantar opiniões e questionamentos em busca de respostas para suas curiosidades e indagações. Dessa forma, a escola está criando oportunidades de ampliação dos conhecimentos de seu contexto social e como ela pode utilizá-los em seu cotidiano.

5 METODOLOGIA

Ao discutir a veracidade de fatos e análises postas em materiais acadêmicos, a pesquisa científica é fundamental para o reconhecimento verídico do conteúdo. Ela desempenha um papel crucial na expansão dos horizontes do conhecimento, dessa forma, a pesquisa científica é organizada por objetivos claros e procedimentos metodológicos rigorosos que garantem a relevância dos resultados obtidos. Portanto, de acordo com Silva (2023), a pesquisa tem por objetivo adquirir conhecimento, compreender processos formadores e contribuir para o avanço teórico em uma determinada área. Ela busca sanar perguntas, resolver problemáticas e investigar fenômenos de forma sistemática e metodológica, utilizando métodos rigorosos e

análises críticas de dados. Em importância ao método de pesquisa científica de cunho qualitativo, Oliveira (2011) contrapõe que

Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. (OLIVEIRA, 2011, p. 24).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa proporciona compreender os processos formadores em que a criança é posta, analisando e discutindo criticamente as posições de leitura, escrita e oralidade; diferenciando a respeito de letramento e alfabetização, sempre apoiando-se em pensamentos concretos e estudados por especialistas na área. Assim, o presente artigo está dividido em entender os processos de leitura, escrita e oralidade com base na BNCC e com o apoio teórico de Magda Soares, Paulo Freire, Vygotsky, Angela Kleiman, Marcuschi, Loris Malaguzzi e Paulo Freire, e relacionar todo o exposto com as práticas exercidas no clube de avt.

6 PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NO CLUBE DE AVENTUREIROS: UM ESTUDO DE CASO

Para chegar até este tópico de análise, fez-se pertinente entender as formas que o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade podem se desenvolver nas crianças e, ao ponderar-se tais especificações sobre leitura, escrita e oralidade, perpassando pelo letramento crítico, esta seção trará aspectos e clarezas sobre o objeto de análise, Clube de Aventureiros.

Diante de todo o exposto nos tópicos anteriores, este artigo busca elucidar as formas em que a leitura, escrita e oralidade podem ser aplicadas neste departamento exterior à escola. Vale ressaltar que a busca é apresentar e refletir sobre a prática dentro do clube, de forma alguma isenta a participação ativa da escola e dos pais, ao contrário. O presente artigo busca elucidar o clube como um fator colaborativo à instituição escolar, visando acima de tudo a aprendizagem e bom desenvolvimento das crianças.

À vista disso, passa-se então a lembrar a importância da construção curricular do que é repassado em qualquer ambiente em que irá de alguma forma ensinar pedagogicamente um indivíduo. Sobre a relevância em que o currículo é posto, Michel Apple (2006) problematiza o fator da visão sobre o currículo, em que ele não é de forma neutra, mas pode ser um recorte

de um determinado conhecimento. Dessa forma, a formação irá perpassar por valores, interesses e ideologia, o teórico salienta.

“O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos livros didáticos e nas salas de aula. Ele é sempre, em alguma medida, a expressão de relações de poder”. Ao fazer esta afirmação, a Apple (2006, p. 63) contesta a seleção de conteúdo, pois afirma que, por vezes, a escola parece optar por escritos europeus ao invés de negros ou indígenas. Então, o autor destaca a criticidade na construção de um conteúdo, da abordagem trabalhada e na linguagem acessível ou não a todo tipo público, e a não exclusão de identidades. Assim, o currículo é uma abordagem dinâmica, relacionando-o sempre com a sociedade.

Em vista disso, a elaboração do Manual administrativo do clube foi pensada e construída de forma acessível à compreensão, utilizando-se o ato de cozinhar para explicar com clareza as suas diretrizes. Com um regime e objetivos bem definidos, o clube possui um plano claro e concreto em seu manual, frisa um tripé em sua composição: **ÁGUA, INGREDIENTES E TEMPEROS.**

A forma como procuraram descrever seus objetivos praticamente é de forma metafórica, ou seja, buscando por meio de um ato do cotidiano tornar mais acessível o entendimento para qualquer pessoa. A finalidade desta atitude é porque muitos dos quais se disponibilizam a administrar o clube e dirigi-lo não são propriamente da área da educação, e alguns podem até não ter ensino superior ou médio completo, então, ao redigirem o manual dessa forma, estão possibilitando o fácil entendimento a qualquer público.

Ao ser definido o primeiro tripé por nome Água, o manual diz que este é o currículo das classes e especialidades, estes são cadernos de atividades específicas a cada faixa etária, pois assim viabiliza a obtenção de mais conhecimento e desenvolvimento das habilidades motoras, sensoras, leitoras, escritoras e oradoras da criança, considerando a sua idade.

Tais desenvolvimentos são significativos para o processo de alfabetização. Soares (2009) diz que o desenvolvimento motor é a base da escrita, segurar um lápis, escrever em ângulos diversos viabiliza o desenvolvimento da coordenação motora, além de ajudar a ter o domínio do sistema alfabético, aspecto esse crucial para todo desenvolvimento do educando.

Diante disso, tendo por base essa concepção, os cadernos de especialidades são adaptados de acordo com a idade da criança. A título de exemplo, o caderno de abelhinhas, que corresponde à classe de 6 anos, cada atividade abordada é para praticar o motor, as primeiras interpretações e as escolhas. Abaixo, alguns exemplos de atividade presentes no caderno:

Figura 1

REQUISITOS BÁSICOS

1. Responsabilidade

a) Decorar e aceitar o Voto do Aventureiro

Pinte de amarelo as letras vogais **A E I O e U** e pinte de vermelho as demais letras (consoantes).

**POR AMOR A
JESUS, FAREI
SEMPRE O
MEU MELHOR.**

EU, _____, ACEITO.

BANCO DE IDEIAS
O requisito pede para apenas decorar o Voto do Aventureiro, mas o Aventureiro que realizar esta atividade estará relembando o voto que sempre é recitado pelos Aventureiros no início de suas reuniões. Além do mais, a leitura constante do Voto já preenchido irá ajudar os Aventureiros novatos a decorá-lo em outros momentos além do início das reuniões.

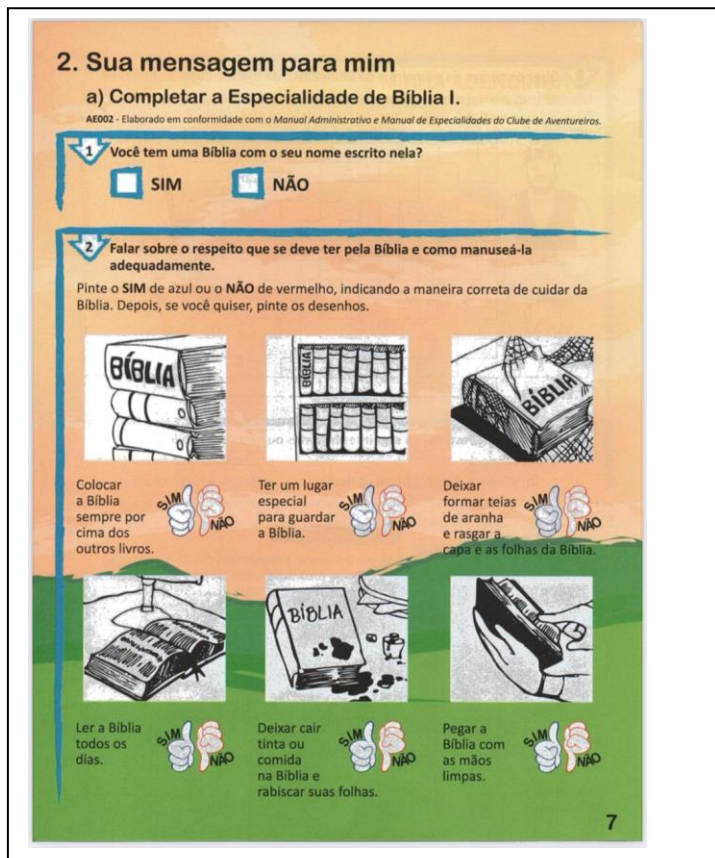
Requisito Completado
Data ____/____/____
Assinatura _____
Requisito concluído com a participação dos pais ou responsáveis: Sim Não

3

Caderno de atividades, Abelhinhas Laboriosas, 6 anos.

A finalidade desta atividade é estimular o motor da criança ao pintar da forma mais correta que ela conseguir, também é reconhecer quais são as vogais e consoantes ao fazer o destaque de pintura diferentes entre elas e aprender cada letra que está pintando. Ao final, o instrutor a ajuda na construção da frase e seu significado e o que ele pode representar para a criança na posição do título de aventureira.

Figura 2




Caderno de atividades, Abelhinhas Laboriosas, 6 anos.

O visual na construção educativa da criança é de grande relevância para a compreensão da finalidade. Com isto, essa atividade corresponde ao saber de mundo da criança, onde o desenho do joinha positivo e negativo irá ajudá-la a compreender o que está sendo lhe perguntado.

Nas perguntas, pode-se observar que o valor de mundo dela é analisado, a forma mais explícita de um letramento crítico, corroborando para a própria análise da sua relação com a Bíblia, a qual com certeza há um exemplar em sua casa. Por sua vez, a atividade busca estimular a autorreflexão da relação dela com o livro sagrado.

Figura 3

3 Dizer os nomes do primeiro e do último livro da Bíblia e quem os escreveu. Marque com um traço vermelho o caminho que liga o autor do primeiro livro da Bíblia ao livro escrito por ele, e marque com um traço azul o caminho que liga o autor do último livro da Bíblia ao livro escrito por ele.



4 Contar ou representar as seguintes histórias ou doutrinas bíblicas:

- A criação
- Começo do pecado e da tristeza
- Jesus me ama hoje
- Jesus vem outra vez

PARA SABER MAIS, ler as páginas 111 a 113 do *Manual Administrativo e Manual de Especialidades do Clube de Aventureiros*, edição de 2015.

A CRIAÇÃO

Busque, nas páginas centrais, os adesivos das figuras geométricas que completam as ilustrações de cada dia da criação que estão na próxima página. Depois ligue as figuras aos balões com os textos que descrevem as coisas criadas em cada dia.

BANCO DE IDEIAS
Experimentando as coisas criadas por Deus.

- 1º dia – A LUZ Trabalhe com prismas e espelhos, lanternas, plantas deixadas no escuro e recolocadas aos sol, caminhos de oitos vendados.
- 2º dia – A ATMOSFERA Brinque com o vento, pipas, o ar quente, balões de ar e gás, cata-ventos.
- 3º dia – A TERRA FIRME Faça jogos com alimentos vegetais, folhas, flores, arranjos ornamentais, artesanato com sementes, pedras, areias, conchinhas. Visite o jardim botânico ou o horto florestal.
- 4º dia – O SOL, A LUA E AS ESTRELAS Estude o céu com um telescópio ou um livro sobre estrelas e cometas ou visite o planetário.
- 5º dia – PEIXES E AVES Identifique pássaros, prepare um aquário ou visite uma exposição de criadores.
- 6º dia – ANIMAIS TERRESTRES Pesquise sobre um animal da região ou visite uma fazenda ou o zoológico. Faça um "safári" fotográfico ou de desenhos.
- 7º dia – DEUS DESCANSA Faça um piquenique comemorativo. Brinque de caça ao tesouro, com os grupos procurando coisas que representem cada dia da semana da criação.

PARA SABER MAIS, ler as páginas 186 a 200 do volume I do *Comentário Bíblico Adventista* e as páginas 467 a 475 do *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*.

8

Caderno de atividades, Abelhinhas Laboriosas, 6 anos.

As atividades que despertam autonomia e desafio são as que mais instigam o interesse das crianças. O labirinto, além de estimular a coordenação motora, também aguça o seu raciocínio, pois sempre há preferência por fazerem sozinhas essa atividade. Sentem-se desafiadas e querem cumprir a tarefa com êxito. Mais uma vez, o seu conhecimento de mundo é posto à prova, ao pedir que ela diferencie o autor de cada livro. Isso demonstra que ela já precisa conhecer as histórias e os feitos desses homens, para então direcionar o caminho do labirinto ao livro correspondente de cada um.

Ao finalizar com a oratória ou a representação de alguma das histórias postas, a atividade trabalha além da oratória, a criatividade e o saber empírico da criança. Todas essas atividades manifestam a compreensão e expressão que a criança é permitida a realizar, tudo isso são formas de linguagens que vão além de códigos e da gramática, mas sim uma linguagem que possibilita à criança desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva diante do mundo.

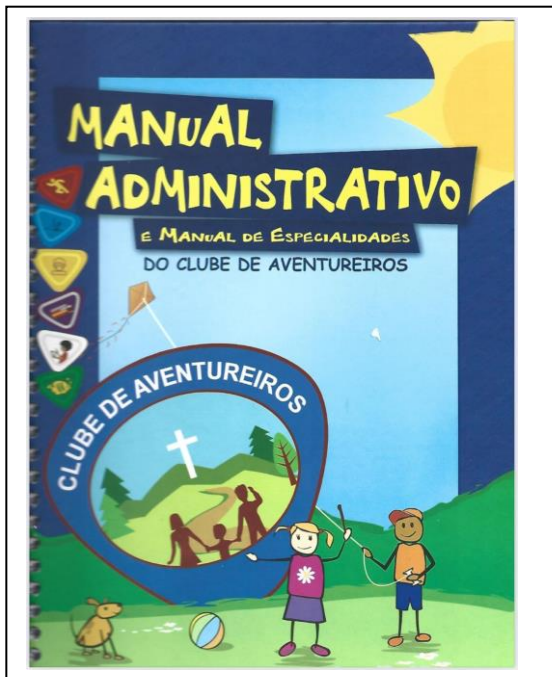
Dessa forma, retomando as concepções ditas no início a respeito do currículo, indo para além do formal, valorizando o social, a cultura e as formas de linguagem, o manual entra em consonância com a BNCC, que afirma que a prática do currículo deve

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 492).

Ao nomear ingredientes, o manual buscou interligar a importância da água com eles para o cozinhar. Assim como a água é fundamental para isso, os ingredientes são tanto quanto, pois a eles é atribuída a responsabilidade de dar sabor ao alimento. Neste caso, são as Ações Administrativas que o manual faz alusão. Esta tem a função de agrupar as ideias, as filosofias e o sistema de ensino que seja adequado para as crianças, colocando todas as variáveis em um conjunto que seja coeso e coerente.

Aqui dirigimos a BNCC, ela é o ingrediente que agrupa e formula as ações administrativas em uma sala de aula, orienta e guia para que o ensino seja de fato objetivo e que traga resultados, é dessa forma que é colocado o manual administrativo no clube. Ele é a BNCC deste departamento, nele contém detalhes da formação do clube e de como proceder em cada situação, norteia as atividades e especialidades a serem realizadas, mas vai para além, o manual também cuida da conduta familiar, emocional e física da criança, garantindo que o ambiente do clube seja seguro e confiável para os pais.

Figura 4



Manual Administrativo. Edição 2024.

Por fim, o tempero, a este são os pais, eles possuem um papel fundamental para a realização de toda e qualquer atividade do clube, pois tudo lhes é consultado antes de fazê-lo. Sabe-se que a rede familiar é a primeira escola da criança, e um dos pontos mais comuns defendidos por todos os autores presentes neste artigo é o convívio social e em como ele resulta no desenvolvimento da criança.

A BNCC pauta que as experiências da criança em seu contexto familiar ajudam para o seu reconhecimento de pertencimento a um grupo social, pois é nela que as primeiras interações diversas começam a acontecer, assim estimulando a curiosidade e as suas perguntas. Kleiman (1995) pontua críticas à escola por não se atentar sobre o social da criança, por esqueletizar-se em uma forma de letramento em que seja apenas a decodificação mecânica da língua, e não ver o meio em que a criança está inserida como uma potencial esfera evolutiva em sua formação educadora.

Haja vista que sempre se irá retomar que o social da criança é a principal ferramenta em sua construção interpretativa e crítica, Vygotsky (2001) defende as relações sociais ao dizer que o entendimento do significado das palavras age como uma singularidade simultânea entre o pensamento generalizante e o intercâmbio social, este é de um valor imensurável para o estudo do pensamento e da linguagem, é por meio do convívio social e pela rede familiar que a criança começa a desenvolver o seu letramento, e mais especificamente o seu letramento crítico, pois é geralmente em conversa com os pais que os “porquês” são dirigidos. Mesmo ainda não alfabetizada de fato, a sua curiosidade em saber o motivo para tais coisas é despertada ao passo em que ela costuma presenciar acontecimentos.

Tendo por tripé as especialidades, as ações administrativas e a rede familiar, o clube reafirma a importância da participação ativa do social por meio da rede familiar, mostrando que o processo de letramento está em todo o ambiente em que a criança está inserida. A partir das finalidades definidas para o regimento do clube, o manual enfatiza o apoio filosófico na Taxonomia de Bloom, que é um sistema de classificação que categoriza objetivos educacionais em um nível hierárquico de complexidade cognitiva, ou seja, do mais fácil até os níveis mais difíceis. Sua objetividade está em orientar o planejamento curricular, o ensino e a avaliação, ao definir os níveis de pensamento do mais básico ao mais complexo.

A Taxonomia de Bloom abrange os aspectos do domínio cognitivo, que abrange o aprendizado intelectual e a aquisição de conhecimento e habilidades no afetivo, que envolve as emoções, os valores e as atitudes dos alunos, no psicomotor, que relaciona as habilidades motoras e as execuções de tarefas.

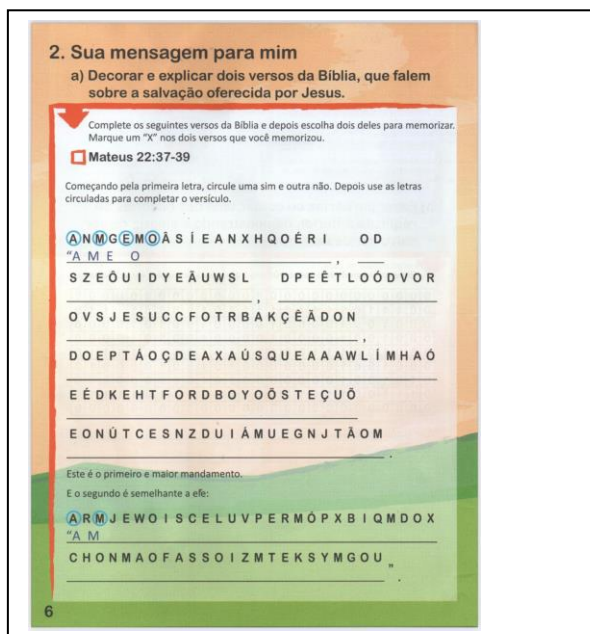
Sua relevância está na forma do planejamento do currículo, ou seja, nos objetivos da aprendizagem, nos métodos de avaliações, que são as formas que avaliam as capacidades dos alunos, no guia da instrução, ou seja, como tais atividades serão guiadas e aplicadas e como elas irão desenvolver as habilidades planejadas, e no alinhamento dos padrões, o dever de estes estarem alinhados com os objetivos educacionais.

Sendo assim, definindo o que os alunos devem dominar para adquirir novos conhecimentos e habilidades, sempre em busca da elevação intelectual. Tendo por apoio esta filosofia, o regimento do clube se apoia nas 6 etapas da Taxonomia de Bloom: lembrar, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar.

Em **lembrar**, são atribuídas as funções de recuperar, recordar ou reconhecer conhecimento relevante a partir da memória de longo prazo. A parte de aprimoramento cognitivo da criança que a capacita a fixar o que está lendo/ouvindo e reter este conhecimento. A primeira imagem que foi mostrada sobre o voto do aventureiro é um exemplo a este tópico, com o ato de pintar e reconhecer cada letra e depois ser estimulada a ler a sentença completa, a criança está sendo posta a lembrar de cada letra e em que a junção delas obteve. E esse exercício de pintar corrobora para fixar e reter o voto de avt em sua memória.

A **entender**, é atribuída a responsabilidade da compreensão por meio de diversas formas de explanação, pode-se atribuir a este tópico o desenvolvimento oratório da criança, se ela já está capacitada para reformular e discutir, demonstrando posição e conhecimento ao que está. A seguir um exemplo de como esta etapa é aplicada nos cadernos de atividades:

Figura 5



Caderno de atividades, Luminares, 7 anos.

Esta atividade é da classe de luminares, faixa etária de 7 anos, a criança deve explicar dois versos da Bíblia de acordo com a sua compreensão, a atividade segue permitindo identificar e formar a escrita por si só, onde ela terá que reconhecer cada letra embaralhada até formar o versículo. Após, deverá explicar, apoiando-se em seus conhecimentos, sobre o que ela entende por salvação que Jesus oferta e como ela se identifica com isso.

Em **aplicar**, corresponde ao manuseio do conhecimento por parte da criança, se ela consegue usar as informações em qualquer situação nova em que esteja. Não há uma atividade específica no caderno de atividades que ilustre essa etapa, contudo, as reflexões pautadas neste artigo afirmam que os pensamentos dos teóricos que mostram o processo de letramento crítico é justamente usar os conhecimentos adquiridos em âmbito escolar ou social e convertê-los ao uso em diversas situações, dessa forma, a criança desenvolve o seu pensar questionador e se adequa a qualquer situação em que esteja exposta.

Kleiman (1995) é enfático ao dizer que o letramento nada mais é que o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em situações diversas, mas com objetivos específicos. Entende-se então que letramento é mais amplo e envolve diversas práticas em diversos contextos vivenciados pela criança, isso torna o processo de letramento mais complexo e longo, dependendo das capacidades de cada criança.

Em **analisar**, corresponde ao saber avaliar partes de um material e depois determinar como elas se relacionam em estrutura e propósito geral. Segue o exemplo de como esta finalidade é abordada nos cadernos de classes:

Figura 6

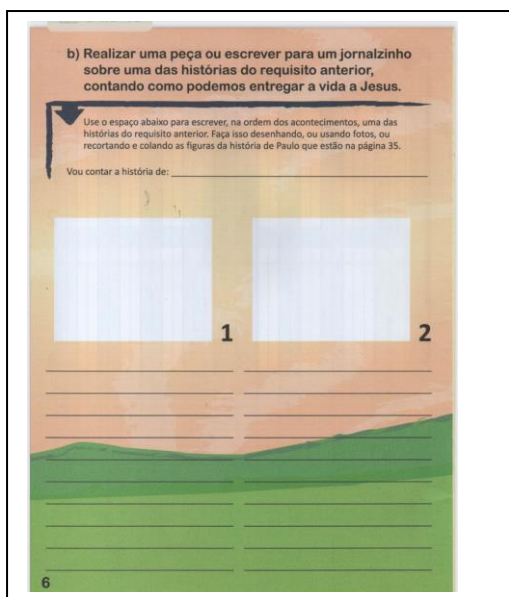
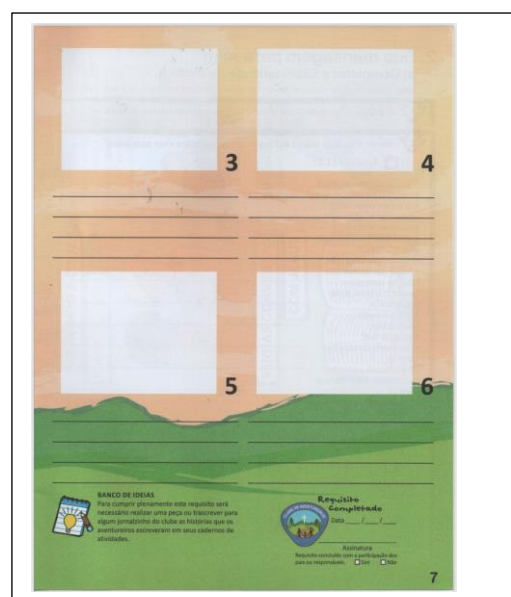


Figura 7



Caderno de atividades, Luminares, 7 anos.


A construção de histórias desenhadas em partes fragmentadas é uma tática analítica em que se pode trabalhar nesta etapa. Ao desenhar cada parte individualmente, a criança sujeita-se a analisar de forma mais detalhada a respeito do que está retratando, ficando absolutamente livre para construir cada desenho como imagina. Ao final, a junção de cada parte contará um todo, uma história final, que para ela representa um contexto em que consegue compreender a finalidade.

Em **avaliar**, é autoexplicativo, este corresponde à capacidade da criança em fazer seus próprios julgamentos com base em seus padrões e seus critérios, a este nível rememoramos as pontuações de Freire (1988) onde diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, que a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela, ou seja, a linguagem e a realidade estão entrelaçadas, e a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica contrapõe a percepção das relações entre o texto e o contexto, assim ao compreender e interpretar a criança usa por base a sua leitura crítica de mundo e constrói seus critérios por meio de suas perspectivas.

Em **criar**, corresponde à capacidade completa da criança em formar algo novo, de forma coerente e funcional. Não há uma atividade específica nos cadernos que retrate, contudo, há especialidades que estimulam a criatividade da criança, a exemplo, as atividades manuais, e a forma como ela pode ser trabalhada é de livre autonomia do clube. A seguir, dois exemplos de especialidades que estimulam a criatividade da criança:

Figura 8

ARTES MANUAIS



AM 001
PIPAS
ASSOCIAÇÃO GERAL

- 1 Fazer e lançar dois tipos diferentes de aviões de papel, que aterrissem a uma distância superior a 3 metros.

- 2 Fazer e empinar dois tipos diferentes de pipas ou papagaios com armação rígida (varetas).

- 3 Explicar regras de segurança para brincar com pipas:
 - Antes de colocá-las no ar;
 - Enquanto as está colocando no ar;
 - Quando elas já estão voando;
 - Para recolhê-las;
 - Quando uma outra pessoa (e não você) está no controle delas.

- 4 Pesquisar sobre a história e os pioneiros da aviação.



- 5 Apresentar, pelo menos, quatro maneiras diferentes de voar, inventadas ou descobertas pelo homem. 

Figura 9



AM 002
ARTES
DIVISÃO NORTE-AMERICANA

- 1 Tocar uma melodia em um instrumento simples, (flauta doce, gaita de boca, teclado).


- 2 Representar, pelo menos, três personagens ou animais utilizando gestos (mímica / sem som) de modo que o grupo possa reconhecê-lo.

- 3 Participar de uma peça criada pelo grupo ou da representação de uma história bíblica.

- 4 Cantar um solo e uma música com um grupo em público.

- 5 Escrever uma poesia sobre a natureza e apresentá-la em público.

- 6 Saber de cor duas músicas folclóricas ou tradicionais de seu país.

- 7 Ler e analisar com seu grupo Salmo 66: 1 e 2. 

A parte de trabalhos manuais explora a criatividade da criança, permitindo-a manifestar seu domínio motor e criador, ofertando experiências que agucem e ampliem seus conhecimentos e habilidades, mais uma vez o manual entra em consonância com a BNCC ao enfatizar que

A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2018, p. 43).

O manual do clube é claro ao afirmar que nem em todas as atividades os 6 níveis são aplicados, contudo, há o encorajamento para que os aventureiros possam chegar o mais longe possível, assim enriquecendo sua experiência e crescimento na aprendizagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao passo em que compreendemos os processos de aquisição da leitura, escrita e oralidade da criança, obtemos a visão de que a alfabetização e o letramento são distintos, mas precisam coexistir, a evolução de um entrelaça-se com a do outro. Elucidar as formas do processo evolutivo de cada criança em seu progresso formador nos permite observar a veracidade de cada etapa na construção de seu caminho.

O suporte em que a escola oferta sem dúvidas é o pilar principal deste processo, contudo, vale sempre entender que a educação também está além das paredes da sala de aula. Todo e qualquer ambiente em que a criança esteja inserida se configura como um lugar de aprendizagem, que é capaz de influenciá-la e guiá-la por novos caminhos.

Este artigo ponderou visões teóricas de diferentes autores que corroboram para a finalidade de entendimento em que os processos de leitura, escrita e oralidade caminham juntos, que todos eles demonstram níveis de aprendizado e que com a sua junção resultam em uma criança alfabetizada e letrada por completo.

Também se fez importante demonstrar os apoios que a escola pode ter, no caso deste estudo, o clube de aventureiros, um departamento da igreja, mostrando de forma lúdica que a igreja se envolve de forma ativa para esse crescimento formador.

O intuito de demonstrar esse departamento neste artigo é tentar retirar a alusão de que a igreja aborda somente fatores religiosos, mas na verdade usa esses fatores em um processo

verídico e defendido por renomados teóricos, mostrando uma outra faceta da igreja, como um local em que também é acessível e adepto ao ensino e aprendizagem.

Portanto, o estudo examinado neste artigo possibilitou a análise crítica e reflexiva dos processos que englobam o letramento crítico e a alfabetização em crianças de 6 a 9 anos, e de que forma ambientes externos à escola podem e devem ser apoios a um seguimento que, além de escolar, é social, dessa forma, viabilizando o melhor desenvolvimento e formação, profissional, relacional e interna da criança.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, L. W.; KRATHWOHL, D. R., organizadores. **Uma taxonomia para aprendizagem, ensino e avaliação**: revisão da taxonomia de objetivos educacionais de Bloom. Nova Iorque: Longman, 2001.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Tradução de Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho; revisão de Maria Clara Bueno Fischer. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2006.
- BLOOM, Benjamin S.; ENGLEHART, Max D.; FURST, Edward J.; HILL, Walter H.; KRATHWOHL, David R. **Taxonomia de objetivos educacionais**: classificação de objetivos educacionais – domínio cognitivo. Nova Iorque: David McKay Company, 1956.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. [S. l.]: Editora Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. [S. l.]: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de letras, 1995.
- KRATHWOHL, David R.; BLOOM, Benjamin S.; MASIA, Bertram B.
- MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. 2. ed. Organização de Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. Tradução de Lívia Campos. Porto Alegre: Penso, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: Atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p. Disponível em: <https://share.google/4Ll2Eu0plFewzDSmx>. Acesso em: 02 set. 2025.
- SOARES, Magda. **Alfabetrar**: Toda criança pode aprender a ler e escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

Taxonomia de objetivos educacionais: domínio afetivo. Nova Iorque: David McKay Company, 1964.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação da mente.** 4. ed. São Paulo: [s. n.], 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** [S. l.: s. n.], 2001.